

Igreja está dividida entre Covas e Lula

DERMI AZEVEDO

SÃO PAULO — A Igreja Católica no Brasil chega às eleições presidenciais unida oficialmente em torno de um perfil de candidato — comprometido com a “democracia participativa” —, mas desunida, na prática, quanto à opção político-partidária de seus seguidores. Em termos oficiais, a Igreja chega às urnas sem qualquer candidato.

Essa posição vem sendo reafirmada desde abril, em sucessivos pronunciamentos, pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Há duas outras posições oficiais de consenso entre todas as correntes ideológicas do Episcopado brasileiro: os católicos têm o dever de votar e devem também respeitar o perfil ideal de candidato a Presidente da República traçado pela Igreja.

De acordo com esse perfil, o candidato ideal deve ter um passado limpo sem envolvimento em casos de corrupção, experiência administrativa e compromisso com a reforma agrária e com a “defesa da vida”. Neste item, a Igreja inclui a condenação do aborto, da esterilização, da eutanásia e da tortura, além de pro-

postas para o enfrentamento da pobreza absoluta.

Na prática, porém, o voto da Igreja será dividido principalmente entre os candidatos do PSDB, Senador Mário Covas, e da Frente Brasil Popular, Deputado federal Luís Inácio Lula da Silva. Serão dos “tucanos” pelo menos 80% dos votos dos 400 bispos brasileiros. Em contrapartida, votarão em Lula no mínimo 90% dos militantes das 80 mil Comunidades Eclesiais de Base de todo o País. Cada uma dessas comunidades tem uma média de 50 participantes. No total, elas têm cerca de quatro milhões de eleitores (aproximadamente 5% do eleitorado brasileiro). Somente nesse universo, Lula poderá obter cerca de 3,6 milhões de votos.

Contrariando a norma de não envolvimento explícito na política partidária, os Bispos de Duque de Caxias (RJ), Dom Mauro Morelli, e de Juazeiro (BA), Dom José Rodrigues, assumiram publicamente o apoio a Lula. E poderão ocupar ministérios na área social se o petista vencer.

Enquanto Covas foi o nome mais citado entre os candidatos na última Assembléia Geral da CNBB, em abril, Lula ganhou as prévias eleitorais em todas as assembleias de CEBs realizadas desde maio.

Entre os mais destacados do Episcopado, tendem a votar em Covas os Cardeais-Arcebispos de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, e de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider. Estão indecisos entre Covas e Afif Domingos (PL) os Cardeais do Rio, Dom Eugênio Sales; de Brasília, Dom José Freire Falcão; e de Salvador, Dom Lucas Moreira Neves.

Covas deverá também receber o voto do Presidente da CNBB, Dom Luciano Mendes de Almeida; do Vice-Presidente, Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte; e do Secretário Geral, Dom Celso Queiroz. O primeiro voto pró-Covas foi anunciado, em abril, pelo Arcebispo de João Pessoa (PB), Dom José Maria Pires.

Os vínculos regionais também pesarão. O candidato do PDT, Brizola, será bem votado pelo Episcopado gaúcho, enquanto Aureliano Chaves, do PFL, receberá muitos votos entre os bispos de Minas Gerais.

Qualquer que seja o resultado das eleições, a CNBB estará empenhada, a partir de janeiro, numa campanha pela implantação do regime parlamentarista, antes mesmo do plebiscito de 1993. Para a Igreja, só o parlamentarismo salvará o País da ingovernabilidade.